

## A FORÇA DA MULHER NO JONGO DA SERRINHA

**Carolina Abreu Accioli**

Bacharelada Dança- UFRJ  
Rua Comandante Coelho, 1079.  
Vista Alegre- Rio de Janeiro-RJ CEP 21250510  
21 82030555  
carolina\_accioli@hotmail.com

**Jessica Gonçalves Lima**

Bacharelado Dança-UFRJ  
Estrada da Água Grande, 1096, rua 1 casa  
92, Vista Alegre–Rio de Janeiro-RJ CEP 21230355  
21 81093033  
ibislima@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho visou compreender as relações de ensino e aprendizagem na escola de jongo da serrinha, onde crianças e jovens dialogam com histórias orais oriundas do saber ancestral de uma manifestação que teve origem no período escravocrata. O método de pesquisa utilizado qualitativo, através de estudos bibliográficos e pesquisa de campo. Foram utilizados duas técnicas de pesquisa: observação participante e entrevistas semi-estruturadas no intuito de analisar a relação das mulheres-líderes com estas crianças da comunidade, de que forma suas ações mantêm a tradição do Jongo ativa nos dias de hoje e quais simbolismos femininos o Jongo ainda traz consigo. Assim, obteve-se como pretensão legitimar a importância dessas mulheres na luta pela preservação do Jongo e por melhores oportunidades para as crianças da comunidade.

**Palavras-chave:** Jongo, Jongo da Serrinha, feminino, mulher, cultura.

GT01 Ritos, Religiosidade e Festas Populares

### O Jongo

Jongo, Caxambu, Candonga, Catambá, Engoma. Muitos nomes, uma única manifestação cultural. Brasileira. Africana. Afro-brasileira. Afirma-se que a manifestação é uma herança cultural trazida pelos negros Bantos para as fazendas de café do Vale do Paraíba – no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Começou a ser praticado, ou notado, em meados do século 19.

Encontrando-se dispersos na terra nova, ao lado de outros escravos, seus iguais na cor e na condição servil, mas diferentes na língua, na identificação tribal e freqüentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade. [...] influenciaram de múltiplas maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram [...] (RIBEIRO, 2006; p. 103).

É um festejo, uma dança de roda, onde um casal se coloca no centro da roda e dança ao som dos tambores e cantigas que reverenciam as almas, a terra e a vida. Os donos das fazendas de café permitiam que o Jongo fosse dançado nos dias de festa dos santos católicos, como uma forma de acalmar e apaziguar a revolta e o sofrimento do povo africano. A festa tinha início com a preparação de uma fogueira para aquecer os tambores – afinar os instrumentos. O casal mais velho da comunidade abria a roda de jongo, dançada antigamente apenas pelos mais velhos. Os jovens ficavam de fora observando, de longe da temida “magia” que os mais velhos acreditavam envolver a roda.

Pode-se dizer que é uma dança para o divertimento e distração, mas existe uma atitude religiosa durante toda a festa. O Jongo tem seu aspecto místico, onde o profano e o religioso se cruzam harmonicamente. Diziam que os de “vista forte”, os que têm o “dom de enxergar” são capazes de ver a alma de algum jongueiro falecido se aproximando da roda ou que alguns plantavam mudas de bananeiras que cresciam e davam frutos durante a madrugada ao som do Jongo.

São usados no Jongo três tambores diferentes: tambu (maior e mais grave), caxambu e candongueiro. O som dos tambores é incorporado com palmas, bem batidas, fortes. A música é chamada de ponto ou toada e, antigamente, era feita de improviso, melodia e versos curtos que surgiam na inspiração do momento. Hoje em dia os improvisos são pouco usados, dando espaço para toadas que ficaram na memória do povo e que foram bem aceitas pelo grupo.

Coletivo, o Jongo é da comunidade e é de cada um. É uma rede cultural e social descendente do trabalho daqueles que já se foram, dos grandes mestres jongueiros, antepassados escravos, detentores de uma sabedoria passada oralmente até os dias de hoje e que quase se perdeu no tempo. Sua cultura preza pela ancestralidade e valoriza a figura feminina, sendo muito forte a referência à mulher e o respeito pelos mais velhos no universo jongueiro.

De acordo com o Jongo da Serrinha (SILVA, 2006, p.40), o Jongo é patrimônio cultural do país desde 2005 e é considerado o pai do samba. Podemos dizer que é uma das maiores contribuições dos negros escravos para a cultura que se formou no Brasil.

Alguns autores, espectadores e curiosos chegaram a dizer que o jongo está na última fase de um processo de extinção; que sobrevive apenas como forma de dança estilizada, conservando a coreografia básica. O jongo está morrendo. Porém, os anos vão passando e o Jongo continua vivo, sendo dançado, tocado e ensinado. Grande exemplo dessa preservação é o grupo Jongo da Serrinha – situado em Madureira, RJ – que tem hoje – e que teve sempre – à frente desta luta figuras femininas que defendem seu legado com muita sabedoria e persistência.

### **O Jongo da Serrinha e sua força feminina**

A cultura africana é matriarcal. A figura da mãe, da mulher é de extrema importância e o feminino está muito presente no Jongo através dos simbolismos e referências que a manifestação traz consigo. A ligação do jongo com suas mulheres é consequência do forte lado espiritual e de sua figura acolhedora e mantenedora do saber. São muitas avós, tias e mães na comunidade porque, no Jongo, a relação de carinho e respeito é tão forte que todos se tornam parentes de consideração.

No Jongo da Serrinha essa característica é reforçada pelo fato de ter em sua liderança apenas mulheres, “mulheres alicerces” na luta da preservação de seu patrimônio.

De acordo com Adailton Silva (2006), o Jongo da Serrinha persiste e sobrevive no meio urbano, principalmente, graças ao trabalho desenvolvido nas últimas três gerações pela família Monteiro, onde se destaca os precursores vovó Maria Joana Monteiro e Mestre Darcy.

Desde o surgimento do grupo, essa liderança feminina é percebida. Vovó Maria Joana, a rezadeira, foi a primeira matriarca. Ela morava em Valença e trouxe para o Morro da Serrinha a cultura do Jongo. Foi ela quem começou a ensinar o jongo para as crianças, com o objetivo de não deixar essa cultura morrer. Era mãe-de-santo, rezadeira, parteira, conselheira. Conforme diz Luíza Marmello, integrante do grupo: “ela era tudo aqui na comunidade, entendeu?”<sup>1</sup>.

Hoje o Jongo da Serrinha é liderado por Tia Maria do Jongo, uma figura única que mantém viva a tradição do jongo através do Grupo Artístico Jongo da Serrinha e da ONG Grupo Cultural da Serrinha. A atual matriarca é considerada uma das jongueiras mais importantes do Brasil. Sendo a raiz direta de Mestre Darcy e Vovó Maria Joana, é ela o patrimônio vivo da história do Jongo. Em sua fala:

Criança não dançava Jongo. Nem moça, nem nada, só os velhos mesmo... Agora não, Vovó Maria Joana passou pras crianças dançarem, Darcy também continuou e agora nós dançamos, né? Por que aí o Jongo se tivesse ficado só os velhos já tinha terminado...existia o Jongo no Salgueiro, existia Jongo na Mangueira, existia Jongo ali na casa do Seu Vieira. Existia Jongo na Congonha, isso tudo tinha Jongo quando eu era criança mas foi acabando. Os velhos foram morrendo.

A administração da ONG e do Grupo Artístico é dividido entre sete mulheres “porque os homens não conseguiram segurar a onda”<sup>2</sup>. Elas lutam pela preservação do Jongo através do projeto Griô (de contação de histórias), das apresentações do Grupo Artístico e dos ensinamentos dados às crianças na Escola de Jongo. Lá, funcionam diversos projetos ligados à cultura afro-brasileira que objetivam propagar esse saber e fornecer às crianças atendidas uma nova maneira de enfrentar a vida.

A manifestação resiste e se conserva hoje devido à imensa força de outras mulheres, que lideram a ONG e o Grupo Artístico. Dentre elas, vale destacar Luíza Marmello, Lazir Sinval e Deli Monteiro.

A fibra, garra e determinação destas mulheres são incansáveis. Elas têm a “coisa de mãe”, de acolher, receber, ensinar, educar e cuidar. Têm percepção aguçada, espírito brincalhão, se adaptam às circunstâncias em constante mutação. Elas fazem a comida em dias de festa, recebem as pessoas com um carinho invejável, são a segurança do homem, das crianças e das outras mulheres.

Embora a mulher sempre tenha sido menosprezada e inferiorizada no andamento da construção de nossa sociedade, e apenas agora seu espaço vem sendo conquistado, no

---

<sup>1</sup> Entrevista feita com Luíza Marmello, ex-aluna de Mestre Darcy e coordenadora da Escola de Jongo, em 11 de Novembro de 2011 na sede do Grupo Cultural Jongo da Serrinha.

<sup>2</sup> Idem

Jongo ela sempre fora uma figura importante e reverenciada. A grande energia da mulher no Jongo da Serrinha não existe apenas pela luta que elas travam, mas também pelo próprio significado de ser mulher e pelos inúmeros simbolismos femininos que a manifestação apresenta.

A força feminina é visceral, vem do ventre. A umbigada, passo presente no jongo e em outras danças afro-brasileiras, faz uma menção a esse ventre tão importante. É esse poder de ser mãe, de ser detentora do dar à luz para vida de um futuro ser, que coloca a mulher nesse lugar tão privilegiado no Jongo. É ela quem dá a segurança, é quem conduz o lado espiritual, é quem faz o simples, o comum, o correto, num mundo onde o simples é o difícil.

Uma das diversas tarefas árduas que o grupo enfrenta é tirar as crianças da comunidade das ruas, do “fazer nada” e do “fazer besteiras”, e dar à elas uma perspectiva de futuro melhor. Visto que são moradores de uma comunidade carente que convive com ações criminosas, as crianças necessitam de um fio condutor que mostre a elas outras realidades, que tentam recuperar suas “partes perdidas”.

A ONG mobiliza grande parte da comunidade, auxiliando essas crianças e jovens a encontrar seus “ossos”, suas raízes, seu caminho. Hoje ele é fonte de emprego e renda para muitas pessoas da comunidade, realiza diversos trabalhos dentro e fora da Serrinha, promove capacitações profissionais no mundo artístico e educacional. As mulheres, Lobas, Alicerces, acolhem esses pequenos cidadãos em um lugar pequenino, mas aconchegante e dá a eles o fruto mais doce que existe: o conhecimento. Elas conversam, ensinam, orientam e ajudam suas famílias quando possível.

Assim, o Jongo e a cultura afro abordados pelo Grupo Cultural Jongo da Serrinha se expande para além da preservação da tradição, onde a cultura jongueira e africana é ensinada como tentativa de transformação, ajudando esses jovens a progredir e amadurecer com responsabilidade e sabedoria.

O presente trabalho ainda está em processo de pesquisa. Este universo jongueiro nos contemplou com alguns aspectos e pontos de vista necessários para a realização deste trabalho. Entretanto, o estudo ainda prossegue, para que seja aprofundado a relação da força feminina com a formação das crianças e jovens que frequentam a Escola do Jongo da Serrinha e com a preservação da manifestação em si.

Hoje, a discussão sobre a força da mulher é um assunto muito discutido. A mulher vem conquistando seu espaço na sociedade e cada vez mais se estabelece nas lideranças. Quando percebemos a presença dessas mulheres de fibra na instituição do Jongo do Serrinha, sob meus olhos foi aberto um leque de símbolos femininos presentes no Jongo, como a referência ao ventre nas umbigadas. Essas importantes mulheres traçam caminhos para preservar seu patrimônio e dar rumo à vida de suas crianças.

Assim, na luta pela preservação e divulgação do patrimônio cultural afro-brasileiro, pelo respeito aos mais velhos e pela busca da identidade, estas mulheres desenvolvem um trabalho de educação e de capacitação profissional junto a crianças e jovens que sofrem com os problemas de uma comunidade carente. São elas que, com sua força e sabedoria, mantêm a tradição do Jongo e proporcionam às crianças uma chance de serem politizados, lutadores de seus direitos, questionadores e cidadãos livres de pensamentos e de cultura. Tentam inverter a realidade dolorida de seus jovens para uma de realizações e conhecimento através da propagação dessa magia jongueira.

## Referências

### Artigos

<http://www.jongodaserrinha.org.br/v2/index.htm>, acessado em 30/11/2011 às 15h.

<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24417.pdf>, acessado em 29/11/2011 às 22:42h.

<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16886/1/R0537-1.pdf>, acessado em 01/12/2011 às 13:02h.

[http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf) acessado em 08/12/2011 às 10:47h

### Livros

ÉSTES, Clarissa Pinkola, *Mulheres que correm com os lobos – mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, editora Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

RIBEIRO, Darcy, *O Povo Brasileiro*, editora Companhia das Letras, São Paulo, 2006

SILVA, Adilson. “Relato sobre Jongo”: Reflexões e episódios de um pesquisador negro. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Brasília-DF, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do da Universidade de Brasília, 2006.

### Anexos



(ANEXO I) ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha

Fonte: Anexo I: Acervo pessoal



(ANEXO II) Tia Maria do Jongo, Lazir Sinval, Deli Monteiro e Lúiza Marmello.

Fonte:

[www.google.com.br/imgres?q=jongo+da+serrinha+rj&hl=ptBR&biw=1280&bih=675&gbv=2&tbn=isch&tbnid=ZuVzFdRqLnTu7M:&imgrefurl=http://www.fenajufe.org.br/XVIPlenaria/atividadecultural.htm&docid=zBA2APyaMoI1CM&imgurl=http://www.fenajufe.org.br/XVIPlenaria/foto%252520das%2525204%252520no%252520espetaulo.JPG&w=1070&h=996&ei=tK3XTrjKK8bs0gGirpXYDQ&zoom=1&iact=rc&dur=213&sig=116352178638184637664&page=9&tbnh=142&tbnw=153&start=138&ndsp=18&ved=1t:429,r:6,s:138&tx=121&ty=35](http://www.google.com.br/imgres?q=jongo+da+serrinha+rj&hl=ptBR&biw=1280&bih=675&gbv=2&tbn=isch&tbnid=ZuVzFdRqLnTu7M:&imgrefurl=http://www.fenajufe.org.br/XVIPlenaria/atividadecultural.htm&docid=zBA2APyaMoI1CM&imgurl=http://www.fenajufe.org.br/XVIPlenaria/foto%252520das%2525204%252520no%252520espetaulo.JPG&w=1070&h=996&ei=tK3XTrjKK8bs0gGirpXYDQ&zoom=1&iact=rc&dur=213&sig=116352178638184637664&page=9&tbnh=142&tbnw=153&start=138&ndsp=18&ved=1t:429,r:6,s:138&tx=121&ty=35)